



ID: 50746042

12-11-2013

# Em busca das histórias que vivem à volta de uma estrada

**Festival.** O italiano Gianfranco Rosi esteve no LEFFEST para apresentar *Sacro Gra*, o filme sobre a estrada que contorna Roma e com o qual venceu este ano o Leão de Ouro em Veneza

NUNO GALOPIM

É uma autoestrada e define um perímetro fechado de 68,2 quilómetros em volta da cidade de Roma, definindo uma espécie de anel. Chama-se Grande Raccordo Anulare, é habitualmente referida pelas iniciais GRA e serviu de terreno onde o realizador italiano Gianfranco Rosi encontrou as figuras e os lugares que levou para *Sacro Gra*, filme documental que este ano venceu o Leão de Ouro do Festival de Veneza e que teve antestreia nacional integrado na edição deste ano do Lisbon & Estoril Film Festival, com a presença do próprio realizador.

A inesperada vitória em Veneza com um documentário foi, como reconheceu Gianfranco Rosi em conversa com o DN, uma "surpresa", acrescentando que, mesmo assim, "ver o filme ser selecionado para a competição" tinha já sido para si "como um prémio". Ao longo de "anos de trabalho", já que antes fez filmes como *Boatman* (1993), *Below Sea Level* (2008) ou *El Sicario* (2010), Rosi sempre acreditou que "se devia ultrapassar um pouco esta barreira" entre a ficção e o cinema documental. Ele mesmo reconhece que há diferenças entre ambos: "A maneira de trabalhar, o modo como nos relacionamos com as personagens e com a história." Mas sublinha que hoje "há um tipo de documentário, que está a crescer um pouco por todo o lado, em que essas fronteiras de diluem". As divisões e as convenções ficam menos claras e então surge cinema. E defende que "o dever do cinema é o de olhar sobre a realidade e, depois, procurar uma linguagem para contar a história".

Morando fora de Itália quase toda a sua vida, Rosi não tinha por isso grande familiaridade com a autoestrada da qual nasceu a ideia para este seu novo filme. A GRA "desenha precisamente 360 graus em torno da cidade, foi construída nos anos 1960 e é como um muro", descreve. "E hoje, na parte externa da GRA, vivem cerca de três milhões de pessoas... É a nova Via Veneto", graxeja.

Durante dois anos andou por aquela estrada, conhecendo pessoas, as suas histórias, com elas ganhando familiaridade, acabando por escolher cinco histórias, que são as que mais vezes visitamos no decurso do filme. "Os meus filmes partem sempre de encontros, de relações fortes que se vão estabelecendo com as pessoas", explica



Gianfranco Rosi passou dois anos em volta da estrada para fazer este filme

Rosi. Antes de filmar "há já uma relação íntima com as pessoas" e por essa altura já as conhece a ponto de saber como vai "poder contar a história". Neste filme queria "apenas captar um fragmento das suas vidas, apenas momentos". E acrescenta que cada uma daquelas figuras daria um filme potencial". Optou todavia por escolher só alguns momentos que vê como a "condensação de coisas que aconteceram antes" e que escolheu quando chegou à mesa de montagem.

Apesar de rodado em torno de Roma, traduzindo assim uma realidade italiana do presente, *Sacro Gra* reflete "também uma universalidade". Rosi sublinha que "há elementos que vão para lá da essência italiana das coisas". E conta que estas figuras que filma "são pessoas que não estão a queixar-se". De resto, "não queria fazer um filme social e político, pelo descreve *Sacro Gra* como "um ato de amor". É, como descreve, "um filme positivo, num local que perdeu completamente

a sua identidade cultural, que foi o que aconteceu em Itália nos últimos 20 a 40 anos". Não quer dizer "com Berlusconi, mas de certa maneira ele está lá no filme", ressalva com um sorriso. O seu desafio era sobretudo o de "encontrar pessoas com identidades fortes". Mas "quando acaba o filme não sabemos nada deles, mas sim aqueles momentos, que são os que ficam connosco", explica.

Este foi o primeiro filme que rodou em Itália. "Agora preciso de encontrar uma história num outro lugar", confessa.



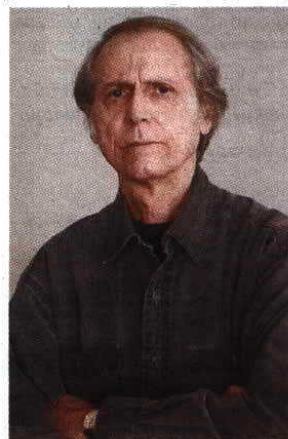
## Don DeLillo lê 'Submundo' hoje no Nimas

**LEITURAS** Aproveitando a proximidade da passagem dos 50 anos do assassinato do presidente John F. Kennedy, no próximo dia 22, o LEFF vai assinalar a data esta noite, no Espaço Nimas, às 21.30, com uma leitura alusiva pelo escritor norte-americano Don DeLillo.

O autor irá ler excertos do seu livro *Submundo* durante a projeção da versão fotograma a fotograma do curto e mítico filme que Abraham Zapruder captou do momento do assassinato do Presidente dos EUA, ainda hoje objeto de muita discussão, e cujas circunstâncias nunca ficaram satisfatoriamente definidas, dando origem e inúmeras teses, livros e filmes. Após a leitura, haverá uma conversa so-

bre o atentado, e o lançamento da tradução portuguesa de *Libra*, de Don DeLillo.

O LEFF exhibe também dois filmes relacionados com o livro *Submundo*. São eles *Lenny*, de Bob Fosse (1974), sobre a vida do comediante contestatário e libertário Lenny Bruce, com Dustin Hoffman e Valerie Perrine (Espaço Nimas, hoje, 19.00); e o documentário *Cocksucker Blues*, de Robert Frank (1972), feito durante a digressão dos Rolling Stones pelos EUA em 1972, e onde aparecem figuras como Truman Capote, Andy Warhol, Stevie Wonder ou Lee Radziwill, a irmã mais nova de Jacqueline Kennedy (Espaço Nimas, hoje, 23.30). A entrada é livre.



O escritor Don DeLillo

### EM COMPETIÇÃO



Filme *Vic + Flo Ont Vu Un Ours*  
Realizador Denis Côté  
País Canadá

## Tentar entender as existências falhadas do mundo

**FILME** Foi premiado com o prémio Alfred Bauer na edição deste ano do Festival de Berlim, o mesmo com o qual, em 2012, Miguel Gomes foi reconhecido com o seu *Tabu* - trata-se de um reconhecimento dado à inovação no cinema contemporâneo, uma espécie de suspeita sobre aquilo que pode transformar-se nesta linguagem. Em *Vic + Flo Ont Vu Un Ours*, o canadiano Denis Côté constrói uma fábula do horror do amor em torno de duas mulheres que procuram alguma paz no campo.

Atravessando as dificuldades do quotidiano longe da prisão, a protagonista (admirável interpretação de Pierrette Robitaille) confronta-se conosco com a desilusão de um futuro melhor, desenhado com expectativas e sonhos uma vida conjugal até ao fim. O que Denis Côté filma na sua quinta longa-metragem de ficção com rigoroso sentido de ritmo e *mise-en-scène* é precisamente a frustração sobre o desejo de melhoria - introduzindo personagens cheias de vida mas sombreadas pelo mistério e pelo mal e concretizando um tom surreal de excentricidade apoiado por um palpável espírito realista.

Talvez seja por isso que *Vic + Flo* seja uma das mais trágicas histórias de amor que poderemos ver na competição do Lisbon & Estoril Film Festival deste ano - fica a dúvida, no entanto, se a sua perversão do vício romântico do cinema de hoje (através do humor, do thriller e de alguma fantasia sobre o real) não traz consigo um pessimismo com o qual não nos queremos confrontar. De qualquer modo fica a certeza que o feliz resultado lembra que não é preciso distanciar-se sobre as personagens e as possibilidades múltiplas dos atores para enfim tentar compreender as existências falhadas do mundo. FLÁVIO GONÇALVES